

As mil humanidades: um **olhar étnico-racial** sobre educação e direitos humanos

Juceli da Silva
Lilian Cláudia Xavier Cordeiro
Milena Silvester Quadros
Silvani Lopes Lima

As mil humanidades, as mil faces, as mil formas de ver o outro. Os mil outros. Quem somos diante do desconhecido? Quem somos diante daqueles de quem nada sabemos? Que grau de humanidade vemos em nossos semelhantes? Que não são nem tão semelhantes, nem tão diferentes? Aumentar mil vezes a capacidade de ver e sentir é papel de todos nós, educadores. Proporcionar espaços de miradas diferentes. Abrir os olhos, nossos e dos nossos alunos. Com esse objetivo, o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas – Neabi do IFRS Campus Ibirubá trouxe à discussão os outros olhares, as outras faces, os outros modos de fazer e de ver o mundo e ver-se nele.

O “I Colóquio – As mil humanidades: um olhar étnico-racial sobre educação e direitos humanos” surgiu por ocasião da Semana da Consciência Negra, que ocorre no mês de no-

vembro, concentrando as atividades no dia 25 de novembro de 2015, nos três turnos. O evento contou com palestras, mesas-redondas, cine-debate, oficinas e apresentações culturais.

O colóquio teve a pretensão de problematizar a condição humana na contemporaneidade, trazendo um olhar interdisciplinar e multicultural envolvendo a educação e os direitos humanos, tendo como foco as relações étnico-raciais. As discussões giraram em torno do debate sobre os negros no Brasil, considerando a imigração forçada da escravidão e seus reflexos, ainda visíveis, e da condição do indígena hoje, com a intenção de promover um olhar livre de preconceitos a esses grupos sociais, principalmente tendo em vista suas lutas por direitos, por vezes não reconhecidos pela comunidade branca. Outro ponto bastante importante do debate foi a problematização acerca da fluidez dos espaços geográficos com a consequente onda migratória que temos presenciado, à qual a região de Ibirubá não é imune.

Essa ação de extensão também pretendeu instituir o IFRS Campus Ibirubá como um

LISIANE OLIVEIRA



Momento de descontração durante o rap

REFLATOS DE EXPERIÊNCIA

espaço de debate de temas que atingem a comunidade local. A chegada dos imigrantes senegaleses e haitianos pleiteando espaços de trabalho e convivência não tem passado despercebida aos olhos dos ibirubenses, fazendo-se necessário, além de criar um espaço de acolhida a esse diferente, constituir um fórum de discussão sobre a imigração.

Considerando a condição dos indígenas e quilombolas, bem como outras populações historicamente excluídas, faz-se imperioso recordar que a Constituição de 1988 abriu caminho ao reconhecimento de seus direitos étnicos. O Estado brasileiro se viu diante da necessidade de incorporar, no plano teórico e prático, novas categorias sociais que deem conta de fenômenos tais como diferença, igualdade e desigualdade, possibilitando a organização da sociedade civil, o empoderamento dos movimentos sociais e a titulação de territórios tradicionalmente ocupados.

Em vista das transformações políticas brevemente aludidas, é fundamental que os espaços de reflexão (escolas, universidades, centros de pesquisa e extensão) dediquem-se a pensar estratégias que busquem soluções para, ou mesmo problematizem, a questão étnica, a inclusão das diferentes formas de vida, bem como seu reconhecimento no Estado e na sociedade como um todo. Assim, promover ações que tragam essa problemática à discussão faz parte das prerrogativas das instituições de ensino, como é o caso dos Institutos Federais.

O “I Colóquio As mil humanidades” conseguiu dar visibilidade a essas populações,



Mesa-redonda

contando com sua participação direta nas discussões. Na mesa da tarde intitulada “A força ontológica da diferença: diálogos com a Política e a Educação”, houve a participação da professora Jorgina Quadros, representante da Associação Afro-brasileira Coloradense Yansã e do Cacique Hélio Ferreira, da aldeia indígena kaingang localizada na zona do aeroporto, no município vizinho de Salto do Jacuí. O foco desse debate foi o conhecimento dos povos quilombolas e indígenas não valorizados nos meios acadêmicos, onde a ciência se arvora de detentora da verdade.

Como atividades culturais foram realizadas a apresentação de capoeira do Centro Social Floresta de Ibirubá, contando com crianças e adolescentes comandados pelo professor e ativista do movimento negro Jamaica. Também houve a apresentação da banda de estudantes do Ensino Médio Técnico Integrado do IFRS “Carga Pesada”, bem como uma demonstração de cestaria indígena pela artesã kaingang Marli. Além disso, o cine-debate do filme “O grande Bazar” – pro-



Apresentação de capoeira

dução moçambicana de 2006 – e a oficina de costura do senegalês radicado em Ibirubá Abdoul Laye, seguida pelo desfile das roupas.

É importante ressaltar que os pontos de vista trazidos pelos pesquisadores acadêmicos sobre a temática do evento, professor Paulo Ricardo Muller, da UFFS, campus Erechim e Maria Paula Prates, da UFCSPA, trouxeram reflexões pertinentes, capazes de aprofundar os temas do evento. O professor Paulo falou sobre as migrações contemporâneas no Brasil e seus percursos interculturais, esclarecendo sobre a busca de países como o nosso, vislumbrando a melhoria na condição social. Já a professora Maria Paula, tratou dos coletivos ameríndios no sul do Brasil, procurando trazer reflexões antropológicas e esclarecendo muitos pontos polêmicos em torno da tentativa de retomada das terras pelos indígenas e dos conflitos com os pequenos agricultores.

No turno da noite, como encerramento das atividades, contamos com a presença do coletivo de senegaleses de Ibirubá, trazendo contribuições extremamente significativas para o evento, seja com atividades culturais, seja participando como membros da mesa-redonda. Na abertura das atividades, o senegalês Dyeng cantou um rap em wolof, descontraindo os participantes e levando alguns a dançar.

A mesa-redonda da noite trouxe o tema “A condição do imigrante senegalês no município de Ibirubá”. Participaram Maodo Doip e Serigne Mbaye, senegaleses trabalhadores de empresas locais, o professor Antônio Hentges, Secretário de Educação do Município e os professores atuantes no Curso de Português para Estrangeiros.

No seu depoimento, os senegaleses contaram sobre a sua origem e porque decidiram vir para o Brasil e do quanto gostam da

cidade e das pessoas. Apesar disso, revelaram que, em sua grande maioria, os seus conterrâneos não almejam se fixar em nosso país, apenas trabalhar, conseguir juntar algum dinheiro e voltar para constituir família na África, pois entendem que precisam se relacionar com quem compreenda o sentido de sua religião, o islamismo. Eles também falaram sobre o ato de compartilhar que, de acordo com sua religião, se algum deles está passando por dificuldades ou desempregado, os demais se unem e ajudam no que for necessário. Esse é um dos estranhamentos que sentem no Brasil, pois temos outra cultura, de índole individualista. Com os relatos sobre a sua concepção de religião, eles demonstraram como suas crenças acabam conflitando em alguns momentos com o modo de viver dos brasileiros.

Portanto, o espaço de debate promovido pelo Colóquio, estimulou um olhar ampliado à multiculturalidade e à diferença, que proporcionou ver o outro em sua dimensão de humanidade, logo, também como semelhante, com sonhos e desejos tais como os nossos, percebendo os outros olhares, as outras faces, os outros modos de fazer e de ver o mundo e de ver-se nele.

REFERÊNCIAS

- FELDMAN-BIANCO, Bela. Reinventando a localidade: globalização heterogênea, escala da cidade e a incorporação desigual de migrantes transnacionais. *Horizontes Antropológicos* vol. 15, n. 31, 2009, pp. 19-50.
- JARDIM, Denise F. (org.). *Cartografias da imigração: interculturalidade e políticas públicas*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.
- SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998.

Juceli da Silva é professora de Sociologia do EBTT, Mestre em Administração, juceli.silva@ibiruba.ifrs.edu.br, IFRS Campus Ibirubá..

Lilian Cláudia Xavier Cordeiro é professora de Arte do EBTT, Mestre em Educação, lilian.cordeiro@ibiruba.ifrs.edu.br; IFRS Campus Ibirubá.

Milena Silvester Quadros é professora de História do EBTT, Dra. em História, milena.quadros@ibiruba.ifrs.edu.br; IFRS Campus Ibirubá.

Silvani Lopes Lima é professora de Língua Portuguesa e Literatura do EBTT, Mestre em Letras, silvani.lima@ibiruba.ifrs.edu.br; IFRS Campus Ibirubá.

NOTA

1 Cadastrado no Sigproj como evento “I Colóquio – As mil humanidades: um olhar étnico-racial sobre educação e direitos humanos”.